

Figuras de linguagem: figuras semânticas I

Conceito

As figuras de linguagem correspondem a construções usadas em uma mensagem para torná-la mais enfática. Por esse motivo, é comum as figuras serem denominadas recursos expressivos.

Linguagem figurada (conotativa)

Quando dizemos que uma palavra é usada em sentido figurado, isso significa que a sua definição prevista em um verbete de dicionário foi relativizada e ampliada em contexto, permitindo que esse vocábulo sofra um processo de ressignificação.

Exemplo:

Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.

Linguagem literal (denotativa)

Analise o exemplo a seguir:

- A lousa quadriculada olímpica possui uma superfície escura que facilita a aderência das cores de um giz. Seu formato curvilíneo permite uma ampla visualização de diversos ângulos. Além disso, seu tamanho reduzido favorece sua instalação nos mais variados ambientes.

Repare que, diferentemente da linguagem machadiana, a descrição empregou a palavra “lousa” com o mesmo sentido previsto em dicionário, sem atribuir a ela valor comparativo. Aqui, portanto, o vocábulo foi usado em seu sentido literal, que também pode ser chamado de denotativo.

Figuras semânticas

Atuam no sentido do texto ao ressignificar uma ou mais palavras dentro de um contexto. Também podem ser classificadas como **figuras de palavras** ou **de pensamento** e são divididas a partir das relações que estabelecem, conforme demonstrado a seguir.

Comparação	Oposição	Intensidade	Realce
Metáfora	Antítese	Hipérbole	Sinestesia
Alegoria	Paradoxo	Eufemismo	Apóstrofe
Catacrese	Oximoro	Gradação	
Metonímia	Ironia		
Antonímia	Sarcasmo		
Perífrase	Preterição		
Personificação			

Relações de comparação

Metáfora

A metáfora é criada por meio de uma relação de qualificação. Nela, um termo é usado para atribuir um valor figurado a outra palavra.

Exemplo:

- Seus olhos são um oceano.

Nessa construção, a palavra “oceano” é usada para atribuir uma qualidade ao vocábulo “olhos”. Essa qualidade precisa estar necessariamente relacionada a algum valor contido em “oceano”: pode, por exemplo, ser associada à profundidade ou, ainda, à imensidão e até mesmo à instabilidade das águas.

Exercícios de sala

1. FGV-SP 2022

‘Novo normal’ é o novo anormal

Dizer que a expressão “novo normal” é um clichê de sucesso é dizer o óbvio, mas isso mal começa a dar conta dela. Os chavões, os lugares-comuns, as frases feitas não são todos iguais – pelo contrário, compõem uma fauna variada e interessantíssima.

“Novo normal” é um bicho peçonhento, mas clichês não são vilões em si. Todos carregamos no bolso essas moedinhas verbais, expressões cristalizadas que trocamos no dia a dia. Na maior parte das vezes, nem nos damos conta disso.

Nossas chuvas fortes tendem a ser torrenciais, o toque do craque adora ser sutil, os ânimos ficam logo exaltados, suamos em bicas, às vezes somos acometidos de curiosidade mórbida e sempre valorizamos o sucesso avassalador e a ascensão meteórica. Clichezemos somos – pura e simplesmente.

[...]

A frase feita nos dispensa de pensar, nos acolhe em seu pacto morninho de compreensão suficiente, de premissas aceitas por todos, para que possamos tocar a vida. No dia em que existir uma ciência chamada clichelogia, acredito que ela identificará dois perigos principais em nossa atração pela ideia pré-fabricada.

Um é o risco para quem deveria fugir do caminho batido. Rebaixam seus ofícios pensadores que pensam chavões, escritores que os escrevem, cineastas que os dirigem. Arte e pensamento só combinam com clichê quando o tratam com ironia.

[...]

Segundo Hannah Arendt, “Clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm a função socialmente reconhecida de proteger-nos da realidade, ou seja, da exigência de atenção do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos em virtude de sua mera existência”.

No entanto, o clichê para a pensadora alemã é mais do que conforto preguiçoso ou convencionalismo de estilo. É uma ferramenta linguística que ideologias autoritárias usam para induzir letargia crítica, indiferença, distância entre pensamento e realidade: “O pensamento ideológico se emancipa da realidade que captamos com nossos cinco sentidos”.

Pois é: conheço poucas expressões mais indutoras desse tipo de letargia crítica do que “novo normal”. Naturaliza de imediato qualquer coisa, do anormal ao subnormal, do vagamente anômalo ao definitivamente criminoso, passando pelo indefinido, o tumultuado e o obscuro.

Só quem viajar ao futuro e consultar livros de história sobre o desditoso ano de 2020 poderá dizer se nosso tempo pariu mesmo um “novo normal” e, em caso positivo, qual foi ele. Quando o normal já era, seu sucessor imediato só pode ser o não normal, o anormal. O resto, se não for letargia, é má-fé.

Sérgio Rodrigues, <https://www1.folha.uol.com.br/>, 16. jul. 2020.

No texto, o autor faz uso reiterado de linguagem figurada, como ocorre na expressão “bicho peçonhento”. Cite, do texto, mais quatro exemplos desse tipo de linguagem.

2. FGV-SP 2022 Examine a tirinha.



Bob Thaves, *Frank & Ernest*, <https://cultura.estadao.com.br/quadrinhos>, 23.06.2021.

Guia de estudos

Interpretação de Texto • Livro 1 • Frente única • Capítulo 1

- I. Leia as páginas de 5 a 8.
- II. Faça os exercícios 1 e 2 da seção “Revisando”.

O efeito de humor presente na tirinha decorre, sobretudo, do fato de a personagem ter empregado, em sua fala, a expressão

- a) “aquecimento global” em sentido figurado.
- b) “pessoas polarizadas” em sentido conotativo.
- c) “mesmo tempo”, relacionada a “mudança climática”.
- d) “pessoas polarizadas”, entendida em sentido geográfico.
- e) “aquecimento global”, em sentido literal.

3. Unicamp-SP 2022

As Ondas

Entre as trêmulas mornas **ardentias**,
A noite no alto-mar anima as ondas.
Sobem das fundas úmidas **Golcondas**,
Pérolas vivas, as **nereidas** frias:

Entrelaçam-se, correm fugidias,
Voltam, cruzando-se; e, em lascivas rondas,
Vestem as formas alvas e redondas
De algas roxas e glaucas pedrarias.

Coxas de vago ônix, ventres polidos
De alabastro, quadris de argêntea espuma,
Seios de dúbia opala ardem na treva;

E bocas verdes, cheias de gemidos,
Que o fósforo incendeia e o âmbar perfuma,
Soluçam beijos vãos que o vento leva...

(Olavo Bilac, *Tarde*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1919, p. 48)

ardentia: sf. fosforescência sobre as ondas do mar, à noite.

Golconda: sf. (fig.) mina de riquezas.

nereida: sf. cada uma das ninfas do mar, filhas de Nereu.

(Disponíveis em www.aulete.com.br/ Acesso em: 30/07/2021.)

Em relação ao soneto de Olavo Bilac (no contexto de sua época), é correto afirmar que a seleção lexical favorece a

- a) descrição objetiva que o eu lírico faz da fantasia amorosa recorrendo à riqueza mineral dos oceanos.
- b) representação estética que o eu lírico faz do desejo amoroso associado a fenômenos naturais.
- c) descrição científica que o eu lírico faz do corpo feminino recorrendo a fenômenos da natureza.
- d) representação natural que o eu lírico faz do jogo de sensualidade associado à mitologia grega.

Figuras de linguagem: figuras semânticas II

Relações de comparação

Alegoria

Devemos conceituar a alegoria como um agrupamento de metáforas. Isso significa que um texto alegórico é formado por diversas metáforas organizadas para transmitir uma ideia de modo figurado. Nesse sentido, as fábulas infantis, as parábolas bíblicas e os contos de fadas devem ser considerados alegorias, pois todo o desenvolvimento é estruturado por meio de imagens conotadas.

Exemplo:

A cigarra e a formiga

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brilho,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o aceso estio.

Amiga, diz a cigarra,
Prometo, à fé d'animal,
Pagar-vos antes d'agosto
Os juro e o principal.

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso junta.
No verão em que lidavas?
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.
Oh! bravo!, torna a formiga.
– Cantavas? Pois dança agora!

“LIÇÃO DE VIDA: Os que não pensam no dia de amanhã, pagam sempre um alto preço por sua imprevidência.”

LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas de La Fontaine*. BOCAGE, Manuel M. B. du (Trad.). Braga: Edições Vercial, 2014.

Catacrese

A catacrese é uma figura que surge para nomear objetos, ações ou situações que não possuem uma nomenclatura adequada e, por isso, exigem uma construção figurada para referir-se a elas. É o caso de expressões como “pé da cadeira”, “asa do bule”, “braço do sofá”, todas criadas para suprir a necessidade de classificar itens inomináveis. Outras expressões como “virar a página”, “tocar o barco” ou “cair a ficha” também devem ser consideradas catacreses.

Metonímia

Desenvolvida por um processo de substituição, a metonímia é criada quando um termo de sentido figurado é usado para se referir a outro de sentido literal. A estrutura principal dessa figura, portanto, é a permuta entre termos que apresentam relação de semelhança.

Exemplos:

1. Há conquistas que são alcançadas apenas com muito suor (trabalho).
2. Você merece que seu trabalho lhe dê um teto (casa) para viver.

A seguir, analise uma tabela em que observamos algumas das relações de substituição metonímica mais comuns nos vestibulares.

Sentido figurado	Sentido literal	Análise
Comprei um <u>Apple</u> .	Comprei um <u>smartphone</u> da marca Apple.	A marca foi usada no lugar do produto .
Comi três <u>pratos</u> cheios.	Comi <u>macarrão</u> (ou outra comida) em três pratos cheios.	O recipiente foi usado no lugar do conteúdo .
<u>Machado de Assis</u> me emociona.	Os <u>livros</u> de Machado de Assis me emocionam.	O autor foi usado no lugar da obra .
Depois da aula, vou dormir no <u>Pedro</u> .	Depois da aula, vou dormir na <u>casa</u> do Pedro.	O proprietário foi usado no lugar da propriedade .
Preciso ir à <u>nutricionista</u> .	Preciso ir à <u>consulta</u> de uma nutricionista.	O profissional foi usado no lugar do serviço prestado.
No <u>coração</u> de mãe sempre cabe mais um.	Uma mãe sempre pode <u>oferecer amor</u> aos filhos.	O concreto foi usado no lugar do abstrato .
É impossível viver sem a <u>chama</u> que brilha no céu.	É impossível viver sem o <u>sol</u> .	O efeito foi usado no lugar do agente .

Antonomásia

Pode ser considerada um tipo de metonímia. Corresponde a um título ou qualidade atribuída consensualmente a uma pessoa e empregada para se referir a ela.

Exemplos:

- O “rei do futebol” completou 80 anos recentemente (Pelé).
- O “bruxo do Cosme Velho” é o maior escritor do Brasil (Machado de Assis).

Perífrase

Muito semelhante à antonomásia, a perífrase corresponde a um título ou a uma expressão consensualmente atribuída a um lugar, objeto ou a qualquer substantivo não humano.

Exemplos:

- Ainda quero conhecer a “cidade luz” (Paris).
- O Timão está na final da Copa do Brasil (Corinthians).

Personificação

Também chamada “prosopopeia”, trata-se de uma figura em que uma qualidade essencialmente humana é atribuída a algo não humano, como os animais, a natureza e os objetos. Veja no exemplo a seguir como Graciliano Ramos se refere à cachorra Baleia:

Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

Exercícios de sala

- Enem 2019** Ela nasceu lesma, vivia no meio das lesmas, mas não estava satisfeita com sua condição. Não passamos de criaturas desprezadas, queixava-se. Só somos conhecidas por nossa lentidão. O rastro que deixaremos na História será tão desprezível quanto a gosma que marca nossa passagem pelos pavimentos.

A esta frustração correspondia um sonho: a lesma queria ser como aquele parente distante, o *escargot*. O simples nome já a deixava fascinada: um termo francês, elegante, sofisticado, um termo que as pessoas pronunciavam com respeito e até com admiração. Mas, lembravam as outras lesmas, os *escargots* são comidos, enquanto nós pelo menos temos chance de sobreviver. Este argumento não convenciu a insatisfeita lesma, ao contrário: preferiria exatamente terminar sua vida desta maneira, numa mesa de toalha adamascada, entre talheres de prata e cálices de cristal. Assim como o mar é o único túmulo digno de um almirante batavo, respondia, a travessa de porcelana é a única lápide digna dos meus sonhos.

SCLIAR, M. Sonho de lesma. In: ABREU, C. F. et al. *A prosa do mundo*. São Paulo: Global, 2009.

Incorporando o devaneio da personagem, o narrador compõe uma alegoria que representa o anseio de

- rejeitar metas de superação de desafios.
- restaurar o estado de felicidade de desafios.
- materializar expectativas de natureza utópica.
- rivalizar com indivíduos de condição privilegiada.
- valorizar as experiências hedonistas do presente.

2. Famerp-SP 2018



Quino. *Toda Mafalda*, 2012 (Adapt.).

O autor inseriu no balão do último quadrinho uma fala que exemplifica o conceito de metonímia (figura de linguagem baseada numa relação de proximidade). Essa fala é:

- a) Bem!... Vai ver que em vez de mente meu pai quis dizer cabeça.
- b) Se é assim, por que você fica fora do ar, de vez em quando?
- c) Filipe... Você acha, então, que o meu pai mente?
- d) Olhei pelo buraco do seu ouvido e não vi nada...
- e) Pra você, com esse topete que parece uma antena, é fácil!

3. Fuvest-SP 2018

Sarapalha

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!
- É um instantinho e passa... É só ter paciência....
- É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p'ros infernos!...
- Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...
- Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...
- O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...
- Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...
- O senhor já sabe as palavras todas de cabeça...
- “Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia de domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça p'ra ir se fugir com ele”...
- Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...
- Prima Luísa...
- Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...
- Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!
- Não é mesmo não...
- Pois então?!
- Conta o resto da estória!...
- ...“Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio...”

Guimarães Rosa, *Sagarana*.

No texto de *Sarapalha* constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:

- a) “No rio ninguém não anda” (L. 7).
- b) “só a maleita é quem sobe e desce” (L. 7).
- c) “O senhor já sabe as palavras todas de cabeça” (L. 9).
- d) “e com a viola enfeitada de fitas” (L. 12).
- e) “ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa” (L. 22).

Guia de estudos

Interpretação de Texto • Livro 1 • Frente única • Capítulo 1

- I. Leia as páginas de 8 a 10.
- II. Faça os exercícios propostos 11, 25, 29 e 37.
- III. Faça os exercícios complementares 7, 9, 12, 15, 21 e 43.

Figuras de linguagem: figuras semânticas III

Relações de oposição

Antítese

Figura pela qual palavras ou ideias opostas são aproximadas em um mesmo texto. Pode ser criada em linguagem verbal ou em linguagem visual. É importante destacar que toda antítese é adequada ao mundo natural e apresenta sentido lógico.

Exemplo:

Nasce o sol, e não dura mais que um dia
Depois da **luz** se segue a **noite** escura
Em tristes sonhos morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

MATOS, Gregório de. Inconstância dos bens do mundo. *Seleção de obras poéticas*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000119.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

Paradoxo

Trata-se de uma figura que conserva grande semelhança com a antítese, tendo em vista que também é estruturada a partir de conceitos ou imagens opostas. A diferença entre elas, entretanto, é bastante substancial: diferentemente da antítese, o paradoxo sempre aparentará ser incoerente com a realidade e corresponderá a um desafio lógico.

Exemplos:

1. Estamos vivendo **dias** de completa **escuridão**.
2. Estamos vivendo **noites** completamente **iluminadas**.

Esses exemplos iniciais, portanto, nos auxiliam a compreender o paradoxo como um desdobramento da antítese, ressaltando, porém, que se trata de uma figura de aparente incoerência com o mundo natural.

Oxímoro

Considerado por muitos gramáticos como um tipo de paradoxo, o oxímoro também faz uma aproximação de opostos com aparente incoerência em sua construção. A diferença entre as duas figuras, entretanto, acontece na questão estrutural: no oxímoro, as palavras ou ideias contraditórias fazem parte de uma expressão, o que torna mais evidente a falta aparente de lógica do texto e o que reforça os sentidos opostos.

Exemplos:

1. Estamos vivendo **dias escuros**.
2. Estamos vivendo **noites luminosas**.

Ironia

Devemos considerar a ironia como uma figura em que uma sentença é produzida para transmitir o oposto do que enuncia: **a sentença diz “X” querendo, na realidade, dizer “Y”**.

Exemplos:

1. Meu amigo deu a brilhante ideia de secar minhas roupas no forno elétrico.
- 2.



Níquel Náusea de Fernando Gonsales

Observe que, no último quadro, a postura física do ratinho que diz “É o novo Drummond” revela que ele, na verdade, achou as rimas feitas pela outra personagem péssimas. Desse modo, devemos considerar sua fala irônica.

Sarcasmo

Trata-se de um recurso expressivo frequentemente associado à ironia. A maioria dos exames vestibulares, inclusive, considera ironia e sarcasmo a mesma figura.

Consideramos sarcasmo uma intenção enunciativa de deboche ou escárnio. Analise o exemplo a seguir:

... Marcela amou-me durante 15 meses e 11 contos de réis; nada menos.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000215.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

Preterição

Figura de linguagem semelhante à ironia, é criada quando um enunciador alega não falar sobre algo quando, na realidade, está falando exatamente sobre aquilo.

Exemplo:

— Acho muito deselegante falar sobre a vida das pessoas, sabe? Mas, realmente, ele está se comportando muito mal. Não sei como os pais daquele garoto suportam o filho. Acho que a postura deles é muito covarde, entende? Mas quem sou eu para falar sobre a vida dos outros?!

Nessa sentença ficcional, porém facilmente imaginável no cotidiano, o enunciador critica a postura de focar sobre a vida alheia, mas é exatamente o que faz na sequência em sua fala.

Exercícios de sala

1. **Unesp 2018** Para responder à questão, leia o soneto de Raimundo Correia (1859-1911).

Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de ouro e de púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serra
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

(*Poesia completa e prosa*, 1961.)

- a) Há no soneto menção a um sentimento que permeia e circunda a natureza retratada. Que sentimento é esse? Do que decorre tal sentimento?

- b) Verifica-se na terceira estrofe a ocorrência de uma antítese. Que termos configuram essa antítese?

2. **Unifesp 2022** Leia o soneto de Luís de Camões para responder à questão.

A fermosura desta fresca serra
e a sombra dos verdes castanheiros,
o manso caminhar destes ribeiros,
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a **estranha**¹ terra,
o esconder do sol pelos **outeiros**²,
o recolher dos gados derradeiros,
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza
com tanta variedade nos of'rece,
me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;
sem ti, perpetuamente estou passando,
nas mores alegrias, mor tristeza.

(Luís de Camões. *Sonetos*, 2001.)

¹**estranha**: rara, que não é comum, que não é vulgar.

²**outeiros**: montes.

O eu lírico recorre a uma expressão paradoxal no verso:

- a) "A fermosura desta fresca serra" (1ª estrofe)
- b) "das nuvens pelo ar a branda guerra;" (2ª estrofe)
- c) "donde toda a tristeza se desterra;" (1ª estrofe)
- d) "Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;" (4ª estrofe)
- e) "o esconder do sol pelos outeiros;" (2ª estrofe)

3. **Unicamp-SP 2017**

Ironia ao natural

É natural,
é bom
e quanto mais melhor,
como os cogumelos
vermelhos,
as rãs azuis
ou o suco de serpente...
É químico,
processado,

é mau,
como a
aspirina,
um perfume
ou o plástico
da válvula
cardíaca
de um coração...

João Paiva, *quase poesia quase química*. Sociedade Portuguesa de Química, 2012, p. 15.
Disponível em: www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpaiva2012.pdf. Acesso em: 06/07/2016.

Nesse poema, há

- a) inversão dos atributos do que seria bom na natureza e do que seria ruim nos processados, de modo a, ironicamente, ressaltar a importância da química.
- b) comparação entre o lado bom dos produtos naturais e o lado ruim dos produtos processados, de modo a ressaltar, efusivamente, o perigo da química.
- c) demonstração do lado bom dos produtos naturais e o lado ruim dos produtos processados, sem, contudo, realizar uma crítica em relação à química.
- d) elogio aos produtos naturais, reforçando-se a ideia de consumirmos mais desses produtos em detrimento de produtos processados com o auxílio da química.

Guia de estudos

Interpretação de Texto • Livro 1 • Frente única • Capítulo 1

- I. Leia as páginas de **10 a 13**.
- II. Faça os exercícios de **3 a 5** da seção "Revisando".
- III. Faça os exercícios propostos **15, 16, 18, 21, 22 e 28**.
- IV. Faça o exercício complementar **51**.

Figuras de linguagem: figuras semânticas IV

Relações de intensidade

Hipérbole

É gerada a partir de um exagero, proposital ou acidental, criado em uma ideia ou expressão. No cotidiano, é muitas vezes usada como mecanismo de ênfase para facilitar a comunicação oral.

Exemplos:

- Se a aula não acabar, vou morrer de fome!
- Eu não escuto uma bobeira como essa há milhares de anos.

Eufemismo

Recurso que deve ser considerado o oposto da hipérbole, tendo em vista que é criado a partir da intenção de suavizar uma palavra ou ideia negativa.

Exemplos:

- Um dia, todos ficaremos sem o colo dos nossos pais.
- Ela faltou com a verdade ao explicar o que aconteceu na festa.

Gradação

Corresponde a um agrupamento de ideias estruturado com base em uma enumeração em que há intensificação de ideia positiva ou negativa.

Exemplos:

- Espero um dia me apaixonar, aprender a amar uma pessoa e viver para sempre ao lado dela.
- Nós nos apaixonamos assim que nos conhecemos. Nos meses seguintes, discutíamos por qualquer motivo. Hoje, nenhum dos dois sequer se suporta.

Relações de realce

Sinestesia

Corresponde à mescla de diferentes campos sensoriais humanos (visão, audição, olfato, paladar e tato) em uma mesma expressão.

Exemplo:

- Seu olhar frio e indiferente não me cativa.

Apóstrofe

Muito comum em discursos religiosos, políticos e no cotidiano, a apóstrofe representa uma interpelação no fluxo de uma sentença para que o enunciador crie um vocativo, na intenção de convocar algo ou alguém para a sentença.

Exemplo:

- Precisamos nos unir, povo brasileiro, para acabar com a corrupção do país!

Exercícios de sala

- Unesp 2022** Para responder à questão, examine a tirinha do cartunista André Dahmer.



(Malvados, 2019.)

Para produzir o efeito cômico e também crítico da tirinha, o cartunista mobiliza os seguintes recursos expressivos:

- eufemismo e pleonasma.
- personificação e hipérbole.
- hipérbole e eufemismo.
- personificação e antítese.
- hipérbole e antítese.

- Efomm-RJ 2022**

Direito e avesso

Rachel de Queiroz

Conheci uma moça que escondia como um crime certa feia cicatriz de queimadura que tinha no corpo. De pequena a mãe lhe ensinara a ocultar aquela marca de fogo e nem sei que impulso de desabafo levou-a a me falar nela; e creio que logo se arrependeu, pois me obrigou a jurar que jamais repetiria a alguém o seu segredo. Se agora o conto é porque a moça é morta e a sua cicatriz já estará em nada, levada com o resto pelas águas de março, que levam tudo.

Lembrou-me isso ao escutar outra moça, também vaidosa e bonita, que discorria perante várias pessoas a respeito de uma deformação congênita que ela, moça, tem no coração. Falava daquilo com mal disfarçado orgulho, como se ter coração defeituoso fosse uma distinção aristocrática que se ganha de nascença e não está ao alcance de qualquer um.

E aí saí pensando em como as pessoas são estranhas. Qualquer deformação, por mais mínima, sendo em parte visível do nosso corpo, a gente a combate, a disfarça, oculta como um vício feio. Este senhor, por exemplo, que nos explica, abundantemente, ser vítima de divertículos (excrescências em forma de apêndice que apareceram no seu duodeno), teria o mesmo gosto em gabar-se da anomalia se em lugar dos divertículos tivesse lobinhos pendurados no nariz? Nunca vi ninguém expor com orgulho a sua mão de seis dedos, a sua orelha malformada; mas a má formação interna é marca de originalidade, que se descreve aos outros com evidente orgulho.

Doença interna só se esconde por medo da morte – isto é, por medo de que, a notícia se espalhando, chegue a morte mais depressa. Não sendo por isso, quem tem um sopro no coração se gaba dele como de falar japonês.

Parece que o principal impedimento é o estético. Pois se todos gostam de se distinguir da multidão, nem que seja por uma anomalia, fazem ao mesmo tempo questão de que essa anomalia não seja visivelmente deformante. Ter o coração do lado direito é uma glória, mas um braço menor que o outro é uma tragédia. Alguém com os dois olhos límpidos pode gostar de *épater*¹ uma roda de conversa, explicando que não enxerga coisíssima nenhuma por um daqueles límpidos olhos, e permitirá mesmo que os circunstantes curiosos lhe examinem o olho cego e constatem de perto que realmente não se nota diferença nenhuma com o olho são. Mas tivesse aquela pessoa o olho que não enxerga coalhado pela gota serena, jamais se referiria ao defeito em público; e, caso o fizesse, por excentricidade de temperamento sarcástico ou masoquista, os circunstantes bem-educados se sentiriam na obrigação de desviar a vista e mudar de assunto.

Mulheres discutem com prazer seus casos ginecológicos; uma diz abertamente que já não tem um ovário, outra, que o médico lhe diagnosticou um útero infantil. Mas, se ela tivesse um pé infantil, ou seios senis, será que os declararia com a mesma complacência?

Antigamente havia as doenças secretas, que só se nomeavam em segredo ou sob pseudônimo. De um tísico, por exemplo, se dizia que estava “fraco do peito”; e talvez tal reserva nascesse do medo do contágio, que todo mundo tinha. Mas dos malucos também se dizia que “estavam nervosos” e do câncer ainda hoje se faz mistério – e nem câncer e nem doídice pegam.

Não somos todos mesmo muito estranhos? Gostamos de ser diferentes – contanto que a diferença não se veja. O bastante para chamar atenção, mas não tanto que pareça feio.

Fonte: O melhor da crônica brasileira, 1/ Ferreira Gullar... [et al.]. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

¹ *épater*: impressionar.



Guia de estudos

Interpretação de Texto • Livro 1 • Frente única • Capítulo 1

- I. Leia as páginas de 13 a 15.
- II. Faça os exercícios propostos 8, 23 e 26.

O eufemismo como figura de linguagem se encontra na opção:

- a) [...] uma moça que escondia como um crime certa feia cicatriz de queimadura que tinha no corpo.
- b) Falava daquilo com mal disfarçado orgulho, como se ter coração defeituoso fosse uma distinção aristocrática [...].
- c) Este senhor, por exemplo, que nos explica, abundantemente, ser vítima de divertículos (excrescências em forma de apêndice que apareceram no seu duodeno).
- d) Não sendo por isso, quem tem um sopro no coração se gaba dele como de falar japonês.
- e) De um tísico, por exemplo, se dizia que estava “fraco do peito”; e talvez tal reserva nascesse do medo do contágio, que todo mundo tinha.

3. **Unicamp-SP 2016** Leia o poema “Mar português”, de Fernando Pessoa, para responder à questão.

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/fpesso03.html>.)

No poema, a apóstrofe, uma figura de linguagem, indica que o enunciador

- a) convoca o mar a refletir sobre a história das navegações portuguesas.
- b) apresenta o mar como responsável pelo sofrimento do povo português.
- c) revela ao mar sua crítica às ações portuguesas no período das navegações.
- d) projeta no mar sua tristeza com as consequências das conquistas de Portugal.

Figuras de linguagem: figuras sintáticas I

Diferentemente da esfera semântica, as figuras consideradas sintáticas são aquelas que alteram a estrutura do texto. São divididas a partir da relação que criam, conforme a tabela a seguir.

Apagamento	Repetição	Ruptura	Inversão
Elipse	Polissíndeto	Silepse	Quiasma
Zeugma	Anáfora	Anacoluto	Hipérbato
Assíndeto	Epístrofe		
	Pleonasmo		

Relações de apagamento

Elipse

A elipse corresponde ao apagamento de uma palavra ou expressão de uma sentença.

Exemplos:

Elipse por contexto

- Sentença original:
 - Nome?
 - Amanda.
 - Idade?
 - 29.
- Palavras elípticas:
 - (Qual seu) nome?
 - (Meu nome é) Amanda.
 - (Qual sua) idade?
 - (Tenho) 29 (anos).

Elipse por terminação verbal

- Sentença original:

Precisamos convencer essas pessoas; afinal, não acreditaram em nós.
- Palavras elípticas:

(Nós) precisamos convencer essas pessoas; afinal, (elas) não acreditaram em nós.

Elipse por pontuação

- Sentença original:

— Eu dou aula de Língua Portuguesa e meu colega, Geografia.
- Palavras elípticas:

— Eu dou aula de Língua Portuguesa e meu colega (dá aula de) Geografia.

Zeugma

Deve ser considerado um subtipo de elipse. Corresponde ao apagamento de um termo anteriormente enunciado no texto.

Exemplo:

— Veremos a aula 5 e a (aula) 6.

Assíndeto

Corresponde ao apagamento de termos conectivos entre palavras ou orações.

Exemplo:

— “Vim, vi, venci”.

Relações de repetição

Polissíndeto

Corresponde à repetição de um mesmo termo conectivo, sobretudo de “e”, “ou” e “nem”.

Exemplo 1:

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro [...]

PESSOA, Fernando. Ode triunfal. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).

Exemplo 2:

— Ou você lê, ou escuta música. Precisa se concentrar e aprender e desejar saber cada vez mais.

Anáfora

Corresponde à repetição de uma mesma palavra ou expressão no início de uma sentença.

Exemplo:

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha.

Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor.

Bíblia Sagrada. 1 Coríntios 13:4-7.

Epístrofe

Corresponde à repetição de uma mesma palavra ou expressão no final de uma sentença.

Exemplo:

[...]

O primeiro amor passou.

O segundo amor passou.

O terceiro amor passou.

Mas o coração continua.

[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2001. © Graña Drummond. <http://www.carlosdrummond.com.br>.

Pleonismo (ou redundância)

Figura em que uma ideia implícita contida em uma expressão acaba sendo explicitada de modo desnecessário.

Exemplos:

- entrar para dentro;
- sair para fora;
- descer para baixo;
- história do passado;
- prefeito da cidade.

Quando o pleonismo for intencionado pelo enunciado, devemos nomeá-lo como pleonismo literário.

Exemplo:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!

PESSOA, Fernando. Mar português. *Mensagens*. São Paulo: Difel, 1986.

Exercícios de sala

1. FCMSCSP 2022

Não comerei da alface a verde pétala
Nem da cenoura as hóstias desbotadas
Deixarei as pastagens às manadas
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas
Talvez pouco elegantes para um poeta
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta
Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois
Nem como os coelhos, roedor; nasci
Omnívoro; deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati
E eu morrerei, feliz, do coração
De ter vivido sem comer em vão.

(Vinicius de Moraes. Livro de sonetos, 2009.)

Verifica-se o emprego de vírgula para assinalar a elipse de um verbo no seguinte verso:

- a) “Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta” (2ª estrofe) d) “Nem como os coelhos, roedor; nasci” (3ª estrofe)
b) “E eu morrerei, feliz, do coração” (4ª estrofe) e) “Cajus hei de chupar, mangas-espadas” (2ª estrofe)
c) “E um bife, e um queijo forte, e parati” (4ª estrofe)

2. Enem 2016

Você pode não acreditar

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os leiteiros deixavam as garrafinhas de leite do lado de fora das casas, seja ao pé da porta, seja na janela.

A gente ia de uniforme azul e branco para o grupo, de manhãzinha, passava pelas casas e não ocorria que alguém pudesse roubar aquilo.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os padeiros deixavam o pão na soleira da porta ou na janela que dava para a rua. A gente passava e via aquilo como uma coisa normal.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que você saía à noite para namorar e voltava andando pelas ruas da cidade, caminhando displicentemente, sentindo cheiro de jasmim e de alecrim, sem olhar para trás, sem temer as sombras.

Você pode não acreditar: houve um tempo em que as pessoas se visitavam aiosamente. Chegavam no meio da tarde ou à noite, contavam casos, tomavam café, falavam da saúde, tricotavam sobre a vida alheia e voltavam de bonde às suas casas.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que o namorado primeiro ficava andando com a moça numa rua perto da casa dela, depois passava a namorar no portão, depois tinha ingresso na sala da família. Era sinal de que já estava praticamente noivo e seguro.

Houve um tempo em que havia tempo.

Houve um tempo.

SANTANNA, A. R. *Estado de Minas*, 5 maio 2013 (fragmento).

Nessa crônica, a repetição do trecho “Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que...” configura-se como uma estratégia argumentativa que visa

- a) surpreender o leitor com a descrição do que as pessoas faziam durante o seu tempo livre antigamente.
b) sensibilizar o leitor sobre o modo como as pessoas se relacionavam entre si num tempo mais aprazível.
c) advertir o leitor mais jovem sobre o mau uso que se faz do tempo nos dias atuais.
d) incentivar o leitor a organizar melhor o seu tempo sem deixar de ser nostálgico.
e) convencer o leitor sobre a veracidade de fatos relativos à vida no passado.

3. **Unesp 2018** Leia o conto “A moça rica”, de Rubem Braga (1913-1990), para responder à questão.

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no **batelão**¹ velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe veio um **rincho**² de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina.

Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o *Luar do sertão* e uma canção antiga que dizia assim: “Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa”. Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre *flaubert*³, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse “bom-dia” que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre

peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inventei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severone apanhar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo – rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

(Os melhores contos, 1997.)

¹**batelão**: embarcação movida a remo.

²**rincho**: relincho.

³**flaubert**: um tipo de espingarda.

O pleonasma (do grego *pleonasmós*, que quer dizer abundância, excesso, amplificação) é uma repetição de unidades linguísticas idênticas do ponto de vista semântico, o que implica que a repetição é tautológica (redundante). No entanto, ela é uma extensão do enunciado com vistas a intensificar o sentido.

(José Luiz Fiorin. *Figuras de retórica*, 2014. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência de pleonasma em:

- a) “fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia” (5º parágrafo).
- b) “eu avançava no batelão velho; remava cansado, com um resto de sono” (1º parágrafo).
- c) “ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida” (3º parágrafo).
- d) “A princípio a olhei com espanto, quase desgosto” (2º parágrafo).
- e) “Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus” (4º parágrafo).

Guia de estudos

Interpretação de Texto • Livro 1 • Frente única • Capítulo 1

I. Leia as páginas de **15 a 18**.

II. Faça os exercícios propostos **10, 30, 31, 34 e 43**.

III. Faça os exercícios complementares **35, 36, 41, 43 e 54**.

Figuras de linguagem: figuras sintáticas II

Relações de ruptura

Silepse

Figura em que há uma concordância em desacordo com a norma-padrão, mas que apresenta certo sentido lógico.

Exemplos:

- Silepse de número (desvio na construção de termos no singular ou plural):
— O grupo reivindicaram o trabalho.
- Silepse de pessoa (desvio na construção de termos pronominais):
— Os alunos queremos mais aulas pela manhã.
- Silepse de gênero (desvio na construção de termos no masculino ou feminino):
— Vossa Excelência está desatento.

Anacoluto

Figura criada quando um enunciador inicia uma sentença e, sem finalizá-la, começa outra frase. No anacoluto, uma palavra ou expressão não desempenha função sintática.

Exemplo:

— Minha mãe, eu sinto saudades de quando morávamos juntos.

Relações de inversão

Quiasmo

Trata-se de uma figura em que a posição de uma ou mais palavras é repetida e cruzada em uma mesma sentença.

Exemplo:

— Corria e cantava, cantava e corria...

Hipérbato

Corresponde a uma mudança na posição comum dos termos de uma sentença.

Exemplo:

— São lindos os seus olhos.

Na literatura, o emprego da inversão é muito frequente em poemas porque facilita o padrão sonoro buscado pelos poetas. Veja o exemplo a seguir:

Quando do Olimpo nos festins surgia (A)
Hebe risonha, os deuses majestosos (B)
Os copos estendiam-lhe, ruidosos, (B)
E ela, passando, os copos lhes enchia... (A)
[...]

CORREIA, Raimundo; LEÃO, Múcio (org.). *Poesias completas*. São Paulo: Editora Nacional, 1948. p. 4.

Exercícios de sala

1. **FICSAE 2019-SP** Examine a tira do cartunista Quino para responder à questão.



(*Que presente inapresentável!*, 2010, Adaptado)

Silepse é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o sentido, com a ideia que elas expressam. A silepse é, pois, uma concordância mental.

(Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013.)

Verifica-se a ocorrência de silepse

- a) no primeiro quadrinho, apenas.
- b) no segundo quadrinho, apenas.
- c) no primeiro e no segundo quadrinhos.
- d) no terceiro quadrinho, apenas.
- e) no segundo e no terceiro quadrinhos.

2. **Unesp 2020** Leia o soneto “VII”, de Cláudio Manuel da Costa, para responder à questão.

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

(Cláudio Manuel da Costa. *Obras*, 2002.)

Está reescrito em ordem direta, sem prejuízo de seu sentido original, o seguinte verso:

- a) “Quem fez tão diferente aquele prado?” (1ª estrofe) → Quem aquele prado fez tão diferente?
- b) “Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço” (2ª estrofe) → Uma fonte houve aqui; eu não me esqueço.
- c) “Ali em vale um monte está mudado:” (2ª estrofe) → Ali está mudado um monte em vale.

- d) “Tudo outra natureza tem tomado,” (1ª estrofe) → Tudo tem tomado outra natureza.
- e) “Nem troncos vejo agora decadentes.” (3ª estrofe) → Nem troncos decadentes vejo agora.

3. **Unesp 2018** Leia o soneto “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder à questão.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

(*Poemas escolhidos*, 2010.)

O verso está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original, em:

- a) “Começa o mundo enfim pela ignorância,” (4ª estrofe) → Pela ignorância, enfim, o mundo começa.
- b) “Em tristes sombras morre a formosura,” (1ª estrofe) → A formosura morre em tristes sombras.
- c) “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,” (1ª estrofe) → O Sol não dura mais que um dia que nasce.
- d) “Depois da Luz se segue a noite escura,” (1ª estrofe) → Segue-se a noite escura depois da Luz.
- e) “Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,” (3ª estrofe) → Mas falte a firmeza no Sol e na Luz.

Guia de estudos

Interpretação de Texto • Livro 1 • Frente única • Capítulo 1

- I. Leia as páginas 18 e 19.
- II. Faça os exercícios 7 e 8 da seção “Revisando”.
- III. Faça os exercícios propostos de 38 a 42, 45 e 47.
- IV. Faça o exercício complementar 44.

Figuras de linguagem: figuras sonoras

Figuras sonoras são aquelas que ampliam a musicalidade e o ritmo de um texto. Podem ser divididas em duas relações:

Repetição	Semelhança
Assonância	Onomatopeia
Aliteração	Paronomásia
	Cacofonia

Relações de repetição

Assonância

Corresponde à repetição de um som de uma ou mais vogais.

Exemplo:

Ária do luar (XIV)

[...]

O luar, sonora barcarola,
Aroma de argental caçoula,
Azul, azul em fora rola...

[...]

GUIMARAENS, Alphonsus de; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960. p. 115-116. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira, 20).

Aliteração

Corresponde à repetição de um som consonantal, inclusive por meio de consoantes diferentes, mas que apresentem semelhança sonora.

- Exemplo 1:
— O rato roeu a roupa do rei de Roma.

- Exemplo 2:

[...]

Quando os sons dos violões vão soluçando,
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

[...]

CRUZ E SOUSA; MUZART, Zahidé (Org.). *Poesia Completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/Fundação Banco do Brasil, 1993. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000074.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

Nessa estrofe do poema “Violões que choram”, de Cruz e Sousa, observe que há um jogo de repetições sonoras criado a partir das consoantes “s”, “c” e “ç”. Embora sejam consoantes diferentes, o som delas é muito semelhante e, por esse motivo, podemos dizer que se trata de aliteração. A figura faz com que a leitura do poema fique mais ritmada.

Relações de semelhança

Onomatopeia

Corresponde à reprodução escrita de um som natural ou gerado pelo homem. Pode ser criada a partir de aliterações ou de forma simples, como nos exemplos a seguir:

- “bzzzz” (abelha)
- “sniff sniff” (pessoa chorando)

Paronomásia

Comumente chamada de “trocadilho” ou “paronomásia”, é uma figura em que palavras de sonoridade muito semelhante são aproximadas em um mesmo texto.

Exemplo:



Cacofonia

Ocorre quando a junção de dois ou mais sons em uma mesma sentença produz uma sonoridade cômica ou desagradável para o ouvinte.

Exemplos:

- Coloque uma mão na cabeça. (uma mão = um mamão)
- Dê canetas aos participantes. Uma por cada grupo. (uma por cada = uma porcada)

Exercícios de sala

1. **Unifesp 2015** Leia o soneto de Cruz e Sousa para responder à questão.

Silêncios

Largos Silêncios interpretativos,
Adoçados por funda nostalgia,
Balada de consolo e simpatia
Que os sentimentos meus torna cativos;

Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lágrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos sugestivos.

Ó Silêncios! ó cândidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais límpido cortejo...

Eu vos sinto os mistérios insondáveis
Como de estranhos anjos inefáveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!

(Cruz e Sousa. *Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos*, 2008.)

A análise do soneto revela como tema e recursos poéticos, respectivamente:

- a) a aura de mistério e de transcendentalidade suaviza o sofrimento do eu lírico; rimas alternadas e sinestésias se evidenciam nos versos de redondilha maior.
- b) o esforço de superação do sofrimento coexiste com o esgotamento das forças do eu lírico; assonâncias e metonímias reforçam os contrastes das rimas alternadas em versos livres.
- c) a religiosidade como forma de superação do sofrimento humano; metáforas e antíteses reforçam o negativismo da desagregação existencial nos versos livres.
- d) a apresentação da condição existencial do eu lírico, marcada pelo sofrimento, em uma abordagem transcendente; assonâncias e aliterações reforçam a sonoridade nos versos decassílabos.
- e) o apelo à subjetividade e à espiritualidade denota a conciliação entre o eu lírico e o mundo; metáforas e sinestésias reforçam o sentido de transcendentalidade nos versos de doze sílabas.

2. **Unicamp-SP 2018** O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores “praticamente intraduzíveis”. Mesmo sem

ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês. Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (i) e (ii) estão presentes:

- Quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*) e tattarrattat (JJ, *Ulisses*).
- Transtrazer (GR, *Grande sertão: veredas*) e monoidal (JJ, *Ulisses*).
- Rtststr (JJ, *Ulisses*) e quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*).
- Tattarrattat (JJ, *Ulisses*) e esquecer-se (GR, *Ave, Palavra*).

3. **Fuvest-SP 2019 (Adapt.)** Examine a tirinha.



Laerte, in: *Manual do Minotauro*.

De que maneira o terceiro quadrinho contribui para a construção do humor da tirinha?

Guia de estudos

Interpretação de Texto • Livro 1 • Frente única • Capítulo 1

- Leia as páginas de 19 a 21.
- Faça os exercícios 9 e 10 da seção “Revisando”.
- Faça os exercícios propostos 3, 50, 53 e 54.
- Faça os exercícios complementares 22, 33, 46 e 53.

Tipologia textual I

Narração

Conceito

Toda narrativa é estruturada com base em uma sequência temporal. Essa é a característica fundamental do texto narrativo: **a narração sempre vai apresentar passagem de tempo.**

Essa sequência temporal é elaborada de acordo com as seguintes cenas:

1. Início: apresentação das personagens e dos problemas que serão enfrentados por elas.
2. Desenvolvimento: as tensões vividas pelas personagens são desenvolvidas, e o foco da história passa a ser as atitudes delas para resolvê-las.
3. Clímax: considerado parte do desenvolvimento, é o momento em que todas as tensões envolvidas no enredo se encontram na história, o que determina uma passagem para a etapa final.
4. Desfecho: resultante do clímax da história, o autor apresenta as consequências das ações das personagens, encerrando o texto.

Estruturas da narração

Foco narrativo

- a. Narrador em primeira pessoa: o narrador vive a história à medida que o relato se desenvolve. Por conta disso, devemos classificá-lo como narrador participante.
- b. Narrador em terceira pessoa: o narrador apenas observa a história, como alguém distante dos eventos que apenas nos relata os acontecimentos. Por esse motivo, devemos classificá-lo como narrador observador.

Percepção narrativa

- a. Narrador onisciente: o narrador é capaz de apresentar-nos o que a personagem está pensando no momento da cena. Essa capacidade foge da simples observação visual.
- b. Narrador observador: o narrador não é capaz de interpretar o interior das personagens, limitando-se apenas àquilo que pode ser visto por qualquer pessoa.

Progressão temporal

- a. Tempo linear: também conhecido como tempo cronológico; a narrativa é sequenciada em cenas cuja progressão segue uma ordem direta, com início, desenvolvimento do enredo, clímax e desfecho.
- b. Tempo não linear: também pode ser denominado como tempo psicológico; nesse tipo de desenvolvimento, a sequência do texto é apresentada em ordem indireta, podendo ser iniciada, por exemplo, com uma lembrança do narrador ou até mesmo pelo desfecho da história.

Descrição

Conceito

Toda descrição é estruturada com base em uma sequência de qualificadores, feita para mostrar atributos de um objeto, pessoa, lugar, momento, entre outros. Por esse motivo, o texto descritivo costuma empregar muitos adjetivos e termos qualificadores. Assim, **a principal característica do texto descritivo é caracterizar algo ou alguém.**

Estruturas da descrição

Percepção descritiva

- a. Descrição subjetiva: apresenta um teor pessoal, pois o autor transmite suas opiniões a respeito do que está sendo apresentado.
- b. Descrição objetiva: apresenta um teor impessoal, uma vez que o autor não expõe suas opiniões a respeito daquilo que está sendo descrito.

Tipo de descrição

- Descrição física: a descrição limita-se a características visuais daquilo que está sendo descrito, como cor, tamanho, profundidade etc.
- Descrição psicológica: a descrição apresenta características comportamentais, emocionais e cognitivas de quem está sendo caracterizado.

Diferenciando narração de descrição

A narração tem por objetivo contar uma história ao leitor e, por conta disso, apresenta uma sequência temporal. A descrição, em contraste, não possui passagem de tempo porque sua finalidade é caracterizar algo ou alguém. Além dessas diferenças, a estrutura textual de ambas também é distinta, conforme aponta a tabela a seguir.

Narração	Descrição
Predomínio de verbos de ação: fazer, pensar, correr etc.	Predomínio de verbos de ligação: ser, estar, permanecer etc.
Emprego de expressões temporais: ontem, na manhã seguinte, horas depois etc.	Emprego de adjetivos e expressões qualificadoras: grande, empolgante, esbelto etc.
Relato de eventos incomuns.	Caracterização de eventos rotineiros.

Exercícios de sala

1. Enem digital 2021

Introdução a Alda

Dizem que ninguém mais a ama. Dizem que foi uma boa pessoa. Sua filha de doze anos não a visita nunca e talvez raramente se lembre dela. Puseram-na numa cidade triste de uniformes azuis e jalecos brancos, de onde não pôde mais sair. Lá, todos gritam-lhe irritados, mal se aproxima, ou lhe batem, como se faz com sacos de areia para treinar os músculos. Sei que para todos ela já não é, e ninguém lhe daria uma maçã cheirosa, bem vermelha. Mas não é verdade que alguém não a possa mais amar. Eu amo-a. Amo-a quando a vejo por trás das grades de um palácio, onde se refugiou princesa, chegada pelos caminhos da dor. Quando fora do reino sente o mundo de mil lanças, e selvagem prepara-se, posta no olhar. Amo-a quando criança brinca na areia sem medo. Uns pés descalços, uma mulher sem intenções. Cercada de mundo, às vezes sofrendo-o ainda.

CANÇADO, M. L. **O sofredor do ver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Ao descrever uma mulher internada em um hospital psiquiátrico, o narrador compõe um quadro que expressa sua percepção

- irônica quanto aos efeitos do abandono familiar.
- resignada em face dos métodos terapêuticos em vigor.
- alimentada pela imersão lírica no espaço da segregação.
- inspirada pelo universo pouco conhecido da mente humana.
- demarcada por uma linguagem alinhada à busca da lucidez.

2. **Enem 2018** Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal – e houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó.

RAMOS, G. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Num texto narrativo, a sequência dos fatos contribui para a progressão temática. No fragmento, esse processo é indicado pela

- alternância das pessoas do discurso que determinam o foco narrativo.
- utilização de formas verbais que marcam tempos narrativos variados.
- indeterminação dos sujeitos de ações que caracterizam os eventos narrados.
- justaposição de frases que relacionam semanticamente os acontecimentos narrados.
- recorrência de expressões adverbiais que organizam temporalmente a narrativa.

3. **Unicamp-SP 2014** Uma cidade como Paris, Zé Fernandes, precisa ter cortesãs de grande pompa e grande ***fausto**. Ora para montar em Paris, nesta tremenda carestia de Paris, uma ***cocotte** com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete [...], é necessário que se agremiem umas poucas de fortunas, se forme um sindicato! Somos uns sete, no Clube.

Eu pago um bocado...

(Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011, p. 94.)

***fausto:** luxo.

***cocotte:** mulher de hábitos libertinos e vida luxuosa; meretriz.

- a) Que expressão do texto representa uma marca direta de interação do narrador com outro personagem?

- b) Uma descrição pode ter um efeito argumentativo. Que trecho descritivo do texto reforça a imagem da vida luxuosa das cortesãs na Paris da época (fim do século XIX)?

Guia de estudos

Interpretação de Texto • Livro 1 • Frente única • Capítulo 2

I. Leia as páginas de **77 a 81, 84 e 85**.

II. Faça os exercícios propostos **4, 6, 9 e 22**.

III. Faça os exercícios complementares **3, 4, de 18 a 20 e 33**.

Tipologia textual II

Dissertação

Conceito

O texto dissertativo é organizado por um desenvolvimento lógico e uma sequência de ideias feita para abordar um assunto de modo explícito. Por conta disso, devemos considerar a dissertação como um texto responsável por trazer informações e propor debates ou reflexões sobre um determinado tema.

Tipos de dissertação

- a. Expositiva: o objetivo do enunciador é transmitir ao interlocutor informações sobre determinado tema, evitando posicionar-se sobre ele. Veja o exemplo a seguir:

A vacina é uma importante forma de imunização ativa [...] e baseia-se na introdução do agente causador da doença (atenuado ou inativado) ou substâncias que esses agentes produzem no corpo de uma pessoa de modo a estimular a produção de anticorpos e células de memória pelo sistema imunológico. Por causa da produção de anticorpos e células de memória, a vacina garante que, quando o agente causador da doença infecte o corpo dessa pessoa, ela já esteja preparada para responder de maneira rápida [...].

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "História da vacina". *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/>. Acesso em: 17 de set. 2020.

- b. Argumentativa: a intenção do enunciador é convencer o interlocutor a respeito do tema abordado. Para tanto, o texto é estruturado a partir de uma tese posicional e de argumentos que procuram defendê-la. Analise o texto a seguir:

O ditado popular "melhor prevenir do que remediar" se aplica perfeitamente à vacinação. Muitas doenças comuns no Brasil e no mundo deixaram de ser um problema de saúde pública por causa da vacinação massiva da população. [...] O resultado da vacinação não se resume a evitar doença. Vacinas salvam vidas.

Importância da vacinação. *Ministério da Saúde*, 31 maio 2017. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200116183646/http://www.saude.gov.br/noticias/745-aco-es-e-programas/vacinacao/40603-importancia-da-vacinacao>. Acesso em: 21 set. 2022.

Ferramentas da dissertação

- a. Dedução: estrutura na qual a dissertação parte de uma ideia em nível geral para, então, restringi-la a algo particular. Observe:

Os remédios [ideia geral] são importantes aliados no combate a vários tipos de doença. Muitas pessoas, porém, temem fazer uso dessas drogas pelos mais variados motivos. As vacinas [ideia particular], por exemplo, são excelentes imunizadores, mas rumores infundados têm contribuído para que alguns pais não queiram vacinar seus filhos.

- b. Indução: estrutura na qual a dissertação aborda primeiramente uma ideia particular para, em seguida, discuti-la de modo geral.

As vacinas [ideia particular] são imunizadores importantes no combate a várias doenças. Porém, alguns boatos infundados têm levado algumas pessoas a temerem o seu uso. Infelizmente, essas mentiras não se restringem apenas a elas, chegando, muitas vezes, a procurar a denegrir a imagem de diversos remédios [ideia geral].

Injunção

Conceito

O texto injuntivo é organizado para **expressar uma instrução ao interlocutor** e, por conta disso, também pode ser chamado de instrucional. Apresenta verbos conjugados no modo imperativo e em segunda pessoa. Muitas vezes, é criado em tópicos ou sequências enumerativas, o que facilita a interpretação do leitor. Analise o exemplo a seguir:

Receita de sorvete de limão

Ingredientes:

- Uma lata de leite condensado
- Três limões
- Raspas de limão a gosto.

Modo de fazer:

Primeiro, faça um suco com os limões e complete a medida da lata com água. Depois disso, bata todos os ingredientes no liquidificador, até ficar homogêneo. Por fim, despeje em forminhas de gelo e leve ao congelador por três horas.

Exercícios de sala

1. **Mackenzie-SP 2018 (Adapt.)** A arqueologia não pode ser desvincilhada de seu caráter aventureiro e romântico, cuja melhor imagem talvez seja, desde há alguns anos, as saborosas aventuras do arqueólogo Indiana Jones. Pois bem, quando do auge do sucesso de Indiana Jones, o arqueólogo brasileiro Paulo Zanettini escreveu um artigo no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, intitulado "Indiana Jones deve morrer!". Para ele, assim como para outros arqueólogos profissionais, envolvidos com um trabalho árduo, sério e distante das peripécias das telas, essa imagem aventureira é incômoda.

O fato é que o arqueólogo, à diferença do historiador, do geógrafo ou de outros estudiosos, possui uma imagem muito mais atraente, inspiradora não só de filmes, mas também de romances e livros os mais variados.

Bem, para usar uma expressão de Eça de Queiroz, “sob o manto diáfano da fantasia” escondem-se as histórias reais que fundamentaram tais percepções. A arqueologia surgiu no bojo do Imperialismo do século XIX, como um subproduto da expansão das potências coloniais europeias e dos Estados Unidos, que procuravam enriquecer explorando outros territórios. Alguns dos primeiros arqueólogos de fato foram aventureiros, responsáveis, e não em pequena medida, pela fama que se propagou em torno da profissão.

Adaptado de Pedro Paulo Funari, Arqueologia.

É possível classificar o texto lido como:

- a) narrativo
- b) descritivo
- c) injuntivo
- d) informativo
- e) diálogo

2. UPE 2014

Vozes da seca

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
É por isso que pidimo proteção a vosmicê
Home pur nós escuído para as rédias do pudê
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage
Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo intê os juru sem gastar nossa corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
Como vê nosso distino mercê tem na vossa mão

Luiz Gonzaga e Zé Dantas. Disponível em: <http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/47103>. Acesso em: 17/07/2013.

Alguns versos da canção se configuram como enunciados que incitam à ação e, por isso, são denominados, quanto à tipologia textual, de “injuntivos”. Exemplificam enunciados injuntivos os seguintes versos:

- a) Seu doutô os nordestino têm muita gratidão/ Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão.
- b) Mas doutô uma esmola a um homem qui é são/ Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão.

- c) É por isso que pidimo proteção a vosmicê/ Home pur nós escuído para as rédias do pudê.
- d) Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê/ Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê.
- e) Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage/ Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage.

3. FICSAE-SP 2022

Leia o trecho do ensaio “Depressão e imagem do novo mundo”, de Maria Rita Kehl, para responder à questão.

A depressão, tão em voga em nossos dias quanto foi a histeria nos tempos de Freud, é uma expressão da dor psíquica que desafia todas as pretensões da ciência de programar a vida humana na direção de uma otimização de resultados. Fátia de mercado disputada pelos laboratórios farmacêuticos, os depressivos formam um grupo desunido e incômodo a desafiar, ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante nas sociedades ditas avançadas: estas que se tornaram incapazes de refletir sobre a dor de viver. Estas que, convencidas de que a riqueza se mede pela abundância de mercadorias em circulação, tornaram-se incapazes de tolerar a falta, de criar estéticas para o vazio, de usufruir da lentidão e vislumbrar o saber contido na tristeza.

A experiência da depressão talvez prove que algo no humano resiste à aliança entre tecnologia e publicidade, assim como às novas formas de credo que elas promovem. Do homem, sabemos, a máquina de moer carne capitalista aproveita até o berro: os depressivos, porém, não oferecem nem isso. Os depressivos não berram. Seu silêncio, seu recolhimento, sua falta de interesse por todas as ofertas do gozo em circulação, fazem do depressivo a expressão do sintoma social contemporâneo. O depressivo, como no verso do poeta suicida Torquato Neto, desafina o coro dos contentes nestas primeiras décadas do século XXI.

(Aduato Novaes (org.). Mutações, 2008. Adaptado.)

De acordo com a autora,

- a) os depressivos tornaram-se, ainda que involuntariamente, insensíveis ao próprio sofrimento.
- b) as sociedades ditas avançadas demoraram a se desvencilhar da ideia de riqueza enquanto abundância de mercadorias.
- c) as sociedades ditas avançadas impuseram a seus cidadãos uma espécie de exigência de bem-estar.
- d) os depressivos, ainda que de modo pouco articulado, desafiam os interesses dos laboratórios farmacêuticos.
- e) os depressivos, na medida em que buscam se adequar às normas sociais, acabam colaborando para o próprio sofrimento.

Guia de estudos

Interpretação de Texto • Livro 1 • Frente única • Capítulo 2

- I. Leia as páginas de **85 a 88**.
- II. Faça o exercício **1** da seção “Revisando”.
- III. Faça os exercícios propostos **1, 5, 6, 19, 24 e 51**.
- IV. Faça o exercício complementar **21, 31 e 44**.

Frente única**Aula 1**

- Possibilidades de resposta:
 - “Os chavões, os lugares-comuns, as frases feitas [...] compõem uma fauna variada e interessantíssima”: palavras e expressões são comparadas ao coletivo de animais;
 - “Moedinhas verbais”: refere-se a “clichês”;
 - “Bicho peçonhento”: em referência a “novo normal”;
 - “Nosso tempo pariu mesmo um 'novo normal'”: verbo “parir” associado à ideia de tempo.
- B
- D

Aula 2

- C
- A
- B

Aula 3

- O sentimento que permeia o eu lírico ao longo de todo o soneto é a melancolia, conforme se lê no quarto verso da segunda estrofe: “Uns tons suaves de melancolia...”. Esse sentimento é decorrente do próprio findar do dia, do momento crepuscular.
 - Na terceira estrofe, especificamente no terceiro verso, “A sombra à proporção que a luz recua...”, há uma antítese que se realiza pelo uso dos termos opostos “sombra” e “luz”.
- B
- A

Aula 4

- D
- E
- A

Aula 5

- D
- B
- C

Aula 6

- D
- D
- B

Aula 7

- D
- D
- O humor da tirinha decorre de uma quebra de construção ocasionada pela aproximação entre o som de cavalos galopando (geralmente representado pela onomatopeia “pocotó”) à repetição da palavra “protocolo”. Desse modo, a paronomásia desencadeia a ruptura da expectativa de leitura, criando o humor pretendido pelo autor.

Aula 8

- C
- B
- O vocativo “Zé Fernandes”.
 - “uma cocotte com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete”.

Aula 9

- D
- E
- C